

# As atividades musicais das crianças analisadas por professoras de educação infantil – Perspectivas metodológicas para a análise narrativa-biográfica

CHILDREN'S MUSICAL ACTIVITIES ANALYZED BY PRESCHOOL TEACHERS – METHODOLOGICAL PERSPECTIVES FOR THE NARRATIVE-BIOGRAPHICAL ANALYSIS

**LEDA DE ALBUQUERQUE MAFFIOLETTI** Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS ▶ [leda.maffioletti@gmail.com](mailto:leda.maffioletti@gmail.com)

**SORAIA SANTANA** Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre ▶ [soraiasantana@gmail.com](mailto:soraiasantana@gmail.com)

## resumo

O trabalho apresenta as reflexões de 39 professoras de educação infantil sobre episódios de atividades musicais realizadas por seus alunos. A intenção é destacar a peculiaridade das descrições e análises realizadas tendo em vista tratar-se de professoras sem formação musical específica, que atuam em escolas de educação infantil. A abordagem metodológica segue princípios da pesquisa (auto)biográfica, adotando-se uma leitura interpretativa do material coletado, buscando o significado que as professoras atribuem às atividades relatadas. Os resultados mostram que a direção do olhar das professoras que participaram deste estudo articula-se com o contexto escolar e as aprendizagens de sua profissão. É peculiar no sentido de mostrar um saber musical não técnico aprendido no convívio com as crianças. É também peculiar pelas escolhas que fizeram, pelo que lhes chamou a atenção e pelo modo como interpretaram os comportamentos musicais tomando por base a sua formação profissional e acadêmica obtida no curso de Pedagogia.

**PALAVRAS-CHAVE:** educação musical, formação de professores, pedagogia.

## abstract

This work presents the views of 39 preschool teachers on episodes related to musical activities performed by their students. It highlights the particularities of the descriptions and analyses considering that those teachers have no specific musical training and work in preschools. The methodological approach follows principles of the (auto) biographical research, conducting an interpretative reading of the material collected to search the meaning ascribed by the teachers to the activities reported. The results show that the views of the teachers who participated in this study are interconnected

with the school context and to what they have learned in their profession. It is peculiar for showing non-technical musical knowledge learned in teachers' contact with the children. It is also peculiar for the choices they made, for what drew their attention, and for the way they interpreted musical behaviors based on their professional and academic training obtained in the School of Education.

**KEYWORDS:** music education, teacher training, pedagogy.

## Introdução

Os pesquisadores brasileiros da área da educação musical têm se preocupado com a educação musical nas escolas de educação básica. Em levantamento recente, cobrindo quase duas décadas (1992 – 2011) sobre a produção teórica publicada na Revista da ABEM, Pires e Dalben (2013) constataram que 53,3% dos trabalhos abordam a formação e prática profissional e 36% discutem as políticas públicas e a música no contexto escolar. Chamaram-nos a atenção as análises que decorrem do desdobramento da primeira ênfase encontrada no mapeamento, agrupadas nas subcategorias *práticas de ensino e aprendizagem*, *conhecimento sobre/dos professores*, *conhecimento sobre/dos alunos* e *formação profissional*. No que se refere às *práticas de ensino e aprendizagem*, as autoras observaram que a intencionalidade da prática pedagógica educativa do professor de música pode promover um avanço significativo na aprendizagem dos alunos. Os dados também sugerem que a educação musical pré-escolar deveria ter como objetivo geral “desenvolver habilidades musicais básicas, conceitos musicais gerais e criatividade” (Pires; Dalben, 2013, p. 108). Com relação ao *conhecimento sobre/dos professores*, ficou evidente a falta de clareza no que se refere aos pressupostos que apoiam suas ações e concepções, implicando inconsistências e contradições em suas práticas pedagógicas educativas.

Na impossibilidade de aprofundar aqui a totalidade das discussões, destacamos que na subcategoria *formação e relação profissional* as autoras sinalizam que:

[...] a música não está conseguindo ocupar, com eficiência, o espaço que poderia ter na educação básica, e revelam a presença da aula de música como “vitrine” para os pais (idem, p. 109); há necessidade de maior aprofundamento em pesquisas sobre o *conhecimento sobre/dos alunos* para se possa pensar a prática pedagógica em contextos escolares. (Pires; Dalben, 2013, p. 114)

Embora a música esteja presente de alguma forma na escola básica, Bellochio e Figueiredo (2009) sugerem que seu ensino deveria ser intencionalmente planejado e desenvolvido tendo em vista uma perspectiva longitudinal. Para que a música realmente mobilize conhecimentos que potencializem a aprendizagem dos alunos, “precisa ser realizada com competência

pelas professoras. Todo trabalho realizado em aula precisa ser planejado e refletido pelas professoras!” (Bellochio; Figueiredo, 2009, p. 41).

O presente estudo tem por objetivo analisar como as professoras de educação infantil se referem às atividades musicais realizadas pelas crianças, o que consideram como atividade musical e quais aspectos teóricos enfatizam ao analisarem essas atividades. Considerando que as professoras não possuem formação musical específica, a intenção é identificar e caracterizar a direção do olhar das professoras de educação infantil.

Com base no referencial teórico da pesquisa (auto)biográfica e de suas potencialidades no campo da educação musical, ou pesquisa narrativa em educação musical (Maffioletti; Abrahão, 2016; 2017), cabe-nos destacar o tipo de conhecimento que as narrativas geram, sua relevância e contribuição para a compreensão do conhecimento humano e social propiciado pela música.

## Procedimentos metodológicos

Participaram dessa pesquisa 39 professores, formados em Pedagogia e/ou Normal Superior, com idade entre 23 e 54 anos, que atuavam em escolas de educação infantil da rede pública, na capital e no interior do Rio Grande do Sul, há pelo menos dois anos. Na oportunidade, frequentavam a disciplina Educação Musical, num curso de especialização em educação infantil. Havia no grupo três professores do sexo masculino e os restantes eram professoras. Empregaremos o termo “professoras” em situações de caráter geral, reservando o emprego da expressão no masculino sempre que a discriminação se fizer necessária. Todos os nomes reais foram alterados e transformados em siglas para preservar suas identidades. Para diferenciá-los das citações dos pesquisadores referenciados no artigo, os depoimentos dos participantes da pesquisa constam com letra em tamanho menor, sem recuo e entre aspas. Quando citados no corpo do texto, os depoimentos assumem as normas usuais quanto ao tamanho da letra.

O trabalho inicia com a proposta que as professoras registrassem uma atividade musical realizada por uma criança ou turma de crianças. Algumas temáticas foram sugeridas, como cenas de canto espontâneo (em casa, na escola, na rua etc.) e a performance da criança durante a realização de uma atividade musical (canto, execução instrumental, ouvindo música etc.), podendo também ser um vídeo da internet em que a atividade musical fosse evidenciada. Para ser melhor compreendido, o trabalho deveria conter informações sucintas, mas relevantes sobre a criança, descrição do contexto em que a cena aconteceu e descrição detalhada da atividade musical propriamente dita. A orientação era que escolhessem uma cena e destacassem um aspecto relevante que havia lhes chamado a atenção. A seguir, que procurassem na literatura específica os autores que ajudassem a aprofundar o referido destaque. As professoras apresentaram seus trabalhos oralmente, depois, foi entregue o relato narrativo da experiência realizada. O objetivo não foi o texto em si mesmo como tarefa acadêmica, mas o processo interpretativo que transforma o vivido em experiência de autoconhecimento (Bolívar, 2012). Deixamos livre o modo de realizar a atividade solicitada, se em duplas, trios ou

individualmente. Apontamos, no entanto, a possibilidade de um trabalho reflexivo pautado pela experiência cotidiana e, na medida do possível, qualificado pela reflexão teórica.

Adotamos na pesquisa a abordagem biográfico-narrativa, muito empregada na área da educação, que se caracteriza por ser uma investigação do tipo interpretativa, “na qual o significado dos atores se converte no foco central da investigação” (Bolívar, 2002, p. 4). Os fenômenos sociais são entendidos como “textos”, cujo valor provém da “autointerpretação que os sujeitos relatam em primeira pessoa, onde a dimensão temporal e biográfica ocupa uma posição central” (Bolívar, 2002, p. 4).

A partir dos aportes de Bolívar (2012), consideramos como elementos integrantes das análises biográfico-narrativas um *narrador*, que produz relatos narrativos sobre suas experiências; um *intérprete* e o *modelo teórico* que estrutura suas interpretações; o *texto*, que engloba todas as narrativas que fizeram parte do processo; e o *leitor*, a quem o pesquisador destina os textos que produz, inserindo-o no processo compreensivo de produção de conhecimentos. Desse modo, os relatos narrativos são textos que precisam ser interpretados por outros textos que lhes imprimam significado.

Esclarecemos que as abordagens *biográfico-narrativa* (Bolívar, 2002; 2012) e *(auto) biográfica* (Josso, 2004; 2016) se equivalem, no que se refere aos fundamentos filosóficos, epistemológicos, éticos e antropológicos. A diversidade do modo de nomear as pesquisas deve-se à tradição e trajetória das pesquisas nos diferentes países: Espanha, França, Itália e Brasil.

Com base na perspectiva de pesquisa adotada, os relatos narrativos capturados não se referem somente à materialidade da escrita, mas à escrita de si como processo mais amplo que envolve o conjunto das representações que constituem os indivíduos e o modo como eles concebem suas experiências. A adoção dessa abordagem significa que o olhar do pesquisador se volta para o significado da experiência vivida pelo sujeito, no caso da presente pesquisa, para o modo como as professoras e professores atribuem significados ao comportamento musical das crianças. Apoiadas nos autores de referência, a intenção foi respeitar a subjetividade de cada um e decifrar significativamente os componentes e as dimensões mais relevantes de suas experiências.

## Apresentação dos resultados

As professoras produziram o total de 21 relatos narrativos sobre as atividades musicais desenvolvidas por crianças, sendo nove trabalhos individuais e 12 trabalhos elaborados em duplas ou trios. As diferentes atividades e seus conteúdos serão descritos a seguir. As atividades musicais mais comentadas formam as cenas de sala de aula em momentos de atividade livre, com seis trabalhos envolvendo as crianças realizando atividades rítmicas e uma ocorrência de crianças ouvindo um CD. A segunda atividade musical mais comentada foram as cenas de sala de aula programadas pela professora, num total de quatro ocorrências envolvendo exploração livre das sonoridades de instrumentos musicais artesanais e instrumentos convencionais de percussão e uma cena de exploração das possibilidades sonoras do corpo, logo após as

crianças terem assistido o DVD do grupo Barbatuques. Outras professoras preferiram analisar a atividade musical de crianças a partir de vídeos capturados da internet. Nesse tipo de atividade musical as professoras enfocaram a performance musical das crianças, salientando-se as descrições de comportamentos envolvendo o canto, o ritmo e o movimento corporal, num total de três ocorrências. Houve também dois relatos de cenas de sala de aula conduzidas por outra pessoa; no caso, a professora da turma assistiu a professora de música propor atividades aos seus alunos. Nessa modalidade as professoras descreveram o comportamento musical das crianças em ações de exploração de um teclado musical e cenas de canto em conjunto. Houve quatro relatos de momentos da atuação docente em que a música ocupou um lugar muito significativo. Em vez de descrever a atividade musical realizada, essas professoras destacaram a relação das crianças com a música. A subjetividade implicada nas descrições sobre as transformações no comportamento das crianças claramente envolvidas em atividades musicais fez com que essas professoras atribuíssem à música as aprendizagens obtidas pelas crianças em outras áreas do conhecimento, marcando positivamente a música em sua docência.

A seleção dos relatos narrativos apresentados a seguir procurou captar a riqueza dos detalhes e dos significados expressos no modo como as professoras e professores se referiram às atividades musicais realizadas por seus alunos. Destacamos, principalmente, os conhecimentos que possuem e de que modo se inserem como autoras e autores do seu próprio trabalho.

## **Peculiaridade das descrições e análises realizadas pelas professoras – discussão teórica**

Com a finalidade de reconstruir uma visão de conjunto em que as atividades musicais ocorrem e são consideradas como práticas sociais escolares, convém lembrar que as escolas de educação infantil funcionam em dois turnos e que boa parte das crianças de até 3 anos permanecem na escola de quatro a sete horas por dia. A escola que as recebe possui espaços, tempos e materiais organizados e um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças, buscando ampliar conhecimentos de diferentes naturezas. As professoras trabalham vinte ou quarenta horas na escola e precisam orientar suas ações junto às crianças, articulando ações de cuidado e ações de educação. Seu plano pedagógico deve ou deveria estar apoiado no projeto político-pedagógico da escola, cujos objetivos pretendem garantir às crianças o “acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças” (Brasil, 2010, p. 18). É nesse espaço que ocorrem “as interações com as crianças e as comunidades que se fazem as principais aprendizagens não técnicas, mas fundamentais, da profissão” (Sarmiento, 2009, p. 327).

Compreender a peculiaridade desse contexto pode ajudar a entender as relações e interações que fazem da música uma prática social com significado na escola. Pois, “entender a música como prática social significa compreender que as exigências técnico-musicais

estão ligadas às práticas de sociabilidade nos grupos, na família, na escola, na igreja e na comunidade” (Souza, 2014, p. 95).

Ao se referir à atividade espontânea de seu aluno de 2 anos, ALI descreve:

“O menino que iniciou a brincadeira faz caras, expressões como se estivesse imitando um baterista, mostra-se muito concentrado e empolgado com a brincadeira, faz movimentos com a boca como se estivesse cantando, fecha e abre os olhos, vira a cabeça para um lado e outro parecendo ser um baterista tocando.

[...] As crianças estavam balbuciando, fazendo expressões, sentindo a música, reproduzindo e compartilhando suas experiências e emoções.

[...] A musicalidade é um traço humano que se mostra em idade muito precoce.

[...] É nosso dever enquanto educadores, proporcionar momentos em que as crianças possam brincar livremente, explorar materiais, produzir sons de forma espontânea”. (Relato 1 ALI)

Como se pode notar, ALI não comenta os parâmetros sonoros da atividade da criança, mas o caráter simbólico de suas atitudes imitativas. ALI descreve os detalhes expressivos referindo-se às expressões faciais e ao modo concentrado como o menino se engaja no “jogo imaginativo” que dá sentido ao que realiza. Por tratar-se de uma criança tão pequena, ALI conclui que a musicalidade é um traço humano, assumindo, a partir dessa conclusão, que é dever dos educadores propiciar momentos em que a criança possa “brincar livremente, explorar materiais, produzir sons de forma espontânea”. É possível que ALI, assim como suas colegas com formação em Pedagogia e/ou Curso Normal Superior, não conheçam a teoria de Keith Swanwick (1994) sobre o desenvolvimento musical, mas, certamente, conhecem os teóricos que fundamentam as práticas pedagógicas na educação infantil. É de Vygotsky (1988, p. 110) a afirmação que segue: “A ação numa situação imaginária ensina a criança a dirigir seu comportamento não somente pela percepção imediata dos objetos ou pela situação que a afeta de imediato, mas também pelo significado dessa situação”. As professoras que atuam na educação infantil assistem cotidianamente a seus alunos produzirem cenas às quais os teóricos se referem. Desse modo, mesmo sem formação musical, o campo da educação musical se configura nas circunstâncias que elas criam em sala de aula, nos efeitos da música sobre o comportamento das crianças e nas análises que elas fazem sobre o modo como as crianças se relacionam com a música. Esse olhar é possível porque também elas têm uma história pessoal com a música.

Vejamos a descrição de uma cena de sala de aula, em que um bebê de 2 anos explora as possibilidades sonoras de um instrumento de percussão. A cena chamou a atenção das professoras do grupo AKI, por se tratar de uma criança que ainda não domina a linguagem falada, mas, brincando “como se fosse músico”, consegue imprimir certa ordem ao que faz, alternando os movimentos dos braços ao explorar as sonoridades. Bellochio e Figueiredo (2009, p. 43) consideram que, no exercício “de busca sonora, a criatividade estará presente impulsionando a riqueza da construção do conhecimento musical”. As professoras que compõem o grupo AKI assim descrevem:

“O menino brinca de fazer música com um amigo imaginário revezando os instrumentos, percebemos a ordem na brincadeira, os instrumentos estão lado a lado e há regra de revezamento, quando ele fala: ‘é eu? é tu? agora é eu!’.

[...] O bebê na cena gosta de ouvir o seu próprio som, criar sons, ele assim, é capaz de se comunicar com o outro, de vivenciar a sua cultura, de se expressar, de reproduzir um comportamento observado em outro momento.

[...] A música é tão importante na vida da criança que através dela a criança se torna autor e reproduzidor de sua cultura, quanto maior o seu contato com a música mais capaz de criar ela é, assim como conceber sons, projetar o que já conhece.” (Relato 2 Grupo AKI)

O aspecto sociocultural realçado no relato do grupo AKI deixa transparecer a concepção de música como uma dimensão da experiência capaz de promover a comunicação e a expressão de aprendizagens culturais. Decorre dessa concepção de música o entendimento de que através da prática musical a criança sente-se autora e reproduzidora de cultura. Sustentando essa concepção, podemos notar a influência da linha dos estudos sobre a infância, identificada com as colocações de Sarmiento (2003):

O imaginário infantil é inerente ao processo de formação e de desenvolvimento da personalidade e racionalidade de cada criança concreta, mas isso acontece no contexto social e cultural que fornece as condições e as possibilidades desse processo. [...] A condição comum da infância tem a sua dimensão simbólica nas culturas da infância. (Sarmiento, 2003, p. 52)

Analisando um vídeo capturado da internet, o grupo LIA descreve uma cena em que um menino de aproximadamente 2 anos, acompanhado de seu pai ao violão, canta e toca seu pequeno violão. A cena é descrita com detalhes em seus aspectos visuais e sonoros, salientando, principalmente, o diálogo entre pai e filho na comunicação musical. O grupo, autor do relato que segue, é formado por um professor e uma professora.

“A imagem de um pai com seu filho nos reporta a formação de uma identidade musical, mas para além dessa questão, existe toda formação enquanto cidadão, as relações, do afeto, da troca de olhares, tudo fez parte do processo de aprendizagem e apropriação de si e do outro, favorecendo a relação com o mundo [...]

[...] A criança demonstra capacidade auditiva e consegue cantar de forma clara a letra da música (inglês).

[...] A experiência de troca com o pai é voltada exclusivamente para a sonoridade, o ritmo, o som produzidos pelos violões, gestos e o olhar de estímulo e de resposta de um para o outro”. (Relato 3 Grupo LIA).

A presença masculina na escola de educação infantil introduz uma nova lente nos processos de socialização na infância. Na primeira fase de socialização, as pessoas que interagem com maior frequência e desenvolvem fortes laços afetivos são “responsáveis em promover e desenvolver nas crianças aprendizagens provenientes de sua relação com o mundo, com os outros, quanto [sic] consigo mesmas” (Santos, 2016, p. 105).

A relação entre pai e filho destacada nos comentários do grupo LIA oportunizou reflexões sobre a importância de criar no ambiente escolar oportunidades semelhantes de interação. O grupo parece ter compreendido que tais laços podem ser considerados primários, por seu

caráter ontogenético de inserção da criança numa sociedade mais ampla, em que as questões de gênero se conformam como uma “dimensão estruturante das relações sociais” (Santos, 2016, p. 201).

A análise da atividade musical da criança fez com que o professor e a professora do grupo LIA voltassem o olhar sobre si mesmos e suas necessidades de conhecimento musical. Conforme suas palavras: “Faz-se necessário pensar nossa prática e refletir sobre o que estamos oferecendo enquanto repertório para a construção de um mundo musical. Analisar a nossa própria formação musical e aprofundar estudos sobre a música” (Relato 3 Grupo LIA). Como explica Josso (2004), a escrita obriga a introdução de uma lógica na construção dos relatos, suscitando reflexões sobre aquilo que é narrado e, por isso, reforça o espaço onde o sujeito pode pensar e refletir sobre si mesmo. Assim, podemos admitir que a produção dos relatos narrativos se constituiu como uma experiência de formação aos componentes do grupo LIA.

Para tornar inteligível a descrição das atividades musicais, as professoras e professores tiveram de selecionar uma cena, decidir uma sequência de apresentação e priorizar o que pretendiam destacar em primeiro plano. Em todos os momentos, o processo interpretativo é a condição que orienta a produção dos relatos narrativos. Duas professoras, no entanto, deixaram de lado a descrição das atividades musicais, para se concentrarem na relação das crianças com a música, ou delas próprias com a música. Vejamos o relato das professoras LU e MI.

“A música nos remete ao encontro de pessoas, troca de olhares, sentimentos e emoções, lembranças e expectativas, e a cada vez que ela surge em um ambiente podemos perceber o quanto ela sensibiliza e une pessoas, independente se suas idades e conhecimentos técnicos sobre ela”. (Relato 4 LU)

Ao mesmo tempo em que a professora LU interpreta os sentimentos dos seus alunos, percebemos que ela se inclui na experiência que narra, mostrando-se sensível ao encontro entre as pessoas. Seu relato valoriza a sensibilidade que une, independentemente da idade e grau de conhecimento musical.

A professora MI fala de seu desejo “adormecido, guardadinho a sete chaves”, de tocar um instrumento musical. Muito tempo se passou até que ela, com o pretexto de presentear seu filho, por fim realizasse o seu desejo.

“Comprei um violão para meu filho, mas quem DESEJA tocar sou eu, e toco, mesmo desafinado, mas realizando algo que talvez estivesse adormecido, guardadinho a sete chaves”. Minha voz se modifica ao cantar com meus alunos e uma grande satisfação interior é sentido e vivido nesses momentos”. (Relato 5 MI – grifo da autora)

Mais adiante em seu relato, a professora MI assim se expressa:

“A criança necessita da escuta do professor para referendar sua ação, mesmo que ainda não saiba o seu significado nas descobertas vivenciadas. A partir dessa reflexão que mudei meu olhar no planejamento diário das atividades”. (Relato 5 MI)

De todas as formas de conhecimento, “os sentimentos e emoções, lembranças e expectativas”, sensibilidade que “une as pessoas” e “desejos adormecidos”, introduzem uma

“fissura” no modo de conceber o conhecimento na pesquisa qualitativa em educação (Bolívar, 2002). Nossos argumentos teóricos titubeiam diante das narrativas carregadas de emoção, como se esse conteúdo não tivesse relevância. Para não ignorar “a força, a materialidade dinâmica do sujeito, suas dimensões pessoais (afetivas, emocionais e biográficas)” (Bolívar, 2002, p. 5), é importante que se faça uma leitura interpretativa dos elementos autobiográficos que as narrativas apresentam. A mesma interpretação se faz necessária no campo da educação musical, uma vez que a música “preenche para si e para os outros os modos de ação estética e, com ela, posturas subjetivas e identidades”<sup>1</sup> (DeNora, 2011, p. 74). Nesse sentido, a educação musical, por sua dimensão psicológica, antropológica e social, participa da “construção cultural da subjetividade” (DeNora, 2011, p. 74), mediante processos narrativos-biográficos-musicais realizados pelo sujeito.

## Considerações finais

O presente artigo foi organizado visando a desencadear um processo argumentativo que aproximasse os relatos narrativos das professoras e professores ao paradigma interpretativo que tem norteado a pesquisa qualitativa em educação. Mais precisamente, um processo argumentativo que possibilitasse a compreensão da pesquisa (auto)biográfica e/ou biográfico-narrativa e suas potencialidades para a educação musical. Os relatos narrativos expressam uma dimensão importante da experiência vivida, que é a construção da configuração social da realidade, cujo discurso comunicativo se converte em conhecimento, tanto para as crianças quanto para seus professores, que, ao trabalharem com a música, descobrem um modo peculiar de produzir sentido em sua docência. Como defende Bolívar (2012, p. 104), “A construção de outra relação com o saber, por parte dos alunos, e de outra forma de viver a profissão, por parte dos ensinantes, deve fazer-se ao mesmo tempo”.

Observamos que as atividades musicais que aconteceram em momentos livres da sala de aula foram as preferidas nas descrições. Podemos pensar em três razões para essa preferência: a primeira é que, estando liberadas da condução das atividades, as professoras podem se dedicar mais à observação; a segunda é que a própria atividade livre promove o comportamento espontâneo e criativo das crianças, o qual é admirado e valorizado pelas professoras; a terceira razão é que esse tipo de atividade não requer a descrição das ações da professora que conduz a atividade, fato que a coloca mais à vontade para narrar os acontecimentos de sua classe. De toda forma, em cenas de aula não conduzidas pelas professoras e naquelas em que elas mesmas programaram e orientaram, o que se mostra são comportamentos musicais de crianças que se sentiram livres para criar e se expressar. Não só as professoras de educação infantil, nós também acreditamos que “sentir-se livre para criar” é a condição que pode garantir o desenvolvimento da criatividade infantil no contexto escolar.

1. “[...]. to fill out and fill in, to themselves and to others, modes of aesthetic agency and, with it, subjective stances and identities / cultural construction of subjectivity” (DeNora, 2011, p. 74).

O destaque à dimensão cultural do comportamento musical das crianças foi uma constante na análise realizada pelas professoras. Embora o comportamento musical tenha sido o motivo da escolha do episódio analisado, as habilidades musicais não são destacadas separadamente, mas reconhecidas, valorizadas e compreendidas no contexto dos laços familiares e das relações interpessoais das crianças. As habilidades musicais, exibidas em cenas do cotidiano escolar ou em cenas do cotidiano familiar gravadas em vídeos, ajudaram a compreender a música como parte das aprendizagens sociais da comunidade onde vivem.

Assim como nas pesquisas de Werle (2010) e Spavanello (2005), as professoras que participaram deste estudo reconhecem a importância da música e mostraram estreita relação entre música e sentimentos. Porém, devido à característica de nossa proposta, não foi possível evidenciar possíveis dificuldades referentes à elaboração dos objetivos musicais e estruturação de um plano de educação musical, conforme as autoras citadas apontaram. É provável que a transformação do vivido em experiência significativa de docência tenha minimizado as dificuldades com a escrita acadêmica.

A direção do olhar das professoras e professores que participaram deste estudo articula-se com o contexto escolar e as aprendizagens de sua profissão. É peculiar no sentido de mostrar um saber musical não técnico aprendido no convívio com as crianças. É também peculiar pelas escolhas que fizeram, pelo que lhes chamou a atenção e pelo modo como interpretaram os comportamentos musicais, tomando por base a sua formação profissional e acadêmica obtida no curso de Pedagogia.

A educação musical a que esses professores se referem são atividades muito simples que as crianças mostram espontaneamente, como acompanhar o ritmo das canções realizando inflexões vocais, balanceios corporais e batidas compassadas no andamento das canções. Explorar as possibilidades sonoras dos instrumentos musicais, ouvir música, cantar e dançar são atividades que deveriam estar presentes nas escolas de educação infantil, para que as práticas pedagógicas realmente promovam “ampliação de saberes e conhecimentos de diferentes naturezas” e “formas de sociabilidade e de subjetividade comprometidas com a ludicidade” (Brasil, 2010, p. 17).

Os relatos narrativos analisados neste estudo indicam que se tornou possível às crianças encontrar um meio de orientar suas condutas musicais. Do ponto de vista da formação das professoras, embora o estudo tenha origem em breves episódios de vida envolvendo a música, acreditamos que

Trabalhar as questões identitárias, expressões da nossa existencialidade, por meio da análise e interpretação da narrativa de vida escrita, permite realçar a pluralidade, a fragilidade e o movimento de nossas identidades ao longo da vida. (Josso, 2016, p. 61)

Refletindo sobre as potencialidades da abordagem (auto)biográfica, acreditamos que seus fundamentos filosóficos, epistemológicos, éticos e antropológicos abrem acesso a um tipo de conhecimento pouco valorizado pelas pesquisas tradicionais. Atribuir à subjetividade o estatuto de conhecimento é, como disse Bolívar (2002), um desafio que precisamos enfrentar,

inclusive no campo da educação, cujas crenças positivistas convivem lado a lado com os pressupostos da pesquisa qualitativa e narrativa-biográfica.

## Referências

- BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro; FIGUEIREDO, Sérgio Luiz Ferreira de. Cai, cai balão... Entre a formação e as práticas musicais em sala de aula: discutindo algumas questões com professoras não especialistas em música. *Música na educação básica*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 36-45, out. 2009.
- BOLÍVAR, Antonio. Metodología de la investigación biográfico-narrativa: recogida y análisis de datos. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. (Orgs.) *Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto)biográfica* Tomo II. n. 1. EDIPUCRS, EDUFRN, EDUNEB: Porto Alegre, 2012. p. 79-109.
- BOLÍVAR, Antonio. "¿De nobis ipsis silemus?": Epistemologia de la investigación biográfico-narrativa en educación". *REDIE - Revista Electrónica de Investigación Educativa*, v. 4, n. 1, p. 1- 26. 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil*. Brasília: MEC, SEB, 2010.
- DeNORA, Tia. *Music in everyday life*. 10. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
- JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.
- JOSSO, Marie-Christine. Processo autobiográfico do conhecimento da identidade evolutiva singular-plural e o conhecimento da epistemologia existencial. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo; BARREIRO, Cristhianny Bento. (Org.). *A nova aventura (auto)biográfica* - Tomo I. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. p. 59-89.
- MAFFIOLETTI, Leda de A.; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Pesquisa narrativa em educação musical: considerações de ordem epistemológica. In: BELLOCHIO, Cláudia. (Org.). *Educação musical e unidocência: pesquisas, narrativas e modos de ser do professor de referência*. Porto Alegre: Sulina, 2017. p. 55-75.
- MAFFIOLETTI, Leda de A.; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Significações acerca de si mesmo por meio de narrativas sobre a experiência musical. *Currículo sem Fronteiras*, v. 16, p. 42-58, 2016.
- PIRES, Nair; DALBEN, Ângela. Música nas escolas de educação básica: o estado da arte na produção da Revista da ABEM (1992-2011). *Revista da ABEM*, Londrina, v. 21, n. 30, p. 103-118, 2013.
- SANTOS, Sandro V. S. *Socialização de gênero na Educação Infantil: uma análise a partir das perspectivas das crianças*. 2016. 302 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.
- SARMENTO, Manuel J. Imaginário e culturas infantis. *Cad. Educ. Fae/UFPEl*, Pelotas, n. 21, p. 51-59, jul./dez. 2003.
- SARMENTO, Teresa. Contextos de vida e a aprendizagem da profissão. In: FORMOSINHO, João. (Org.). *Formação de professores. Aprendizagens e ação docente*. Porto: Porto Editora, 2009. p. 303-327.
- SOUZA, Jusamara. Música, educação e vida cotidiana: apontamentos de uma sociografia musical. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, n. 53, p. 91-111, jul./set. 2014.
- SPAVANELLO, Caroline. *A educação musical nas práticas educativas de professores unidocentes: um estudo com egressos da UFSM*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2005.
- SWANWICK, Keith. *Musical knowledge. Intuition, analysis and music education*. London: Routledge, 1994.
- VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- WERLE, K. *A música no estágio supervisionado da Pedagogia: uma pesquisa com estagiárias da UFSM*. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.

Recebido em  
22/10/2017

Aprovado em  
29/12/2017

**Leda de Albuquerque Maffioletti** é Licenciada em Música, Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora Associada da Faculdade de Educação da UFRGS, onde ocupou o cargo de professora orientadora dos Estágios de Docência em Educação Infantil e professora da disciplina Educação Musical no curso de Pedagogia. Atuou no Programa de Pós-Graduação em Educação, na linha de pesquisa Educação: Arte Linguagem Tecnologia, coordenando o grupo de pesquisa Música e Educação: EDUCAMUS (CNPq). Tem desenvolvido pesquisa nas áreas de Música na Infância e Formação de Professores.

**Soraia Santana** é professora e assessora técnica em educação do município de Porto Alegre. Atualmente, coordena o Setor de Regulação Escolar na Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre. Pedagoga, especialista em Educação (Psicopedagogia Institucional, Ensino Lúdico, Tecnologias da Informação Aplicadas à Educação e Supervisão Escolar), tem mestrado em Educação inconcluso e formação em Ciências Jurídicas e Sociais, com pós-graduação em Direito Educacional e Direito Administrativo/Constitucional (em andamento). Pesquisadora com foco na infância, formação de professores e políticas públicas.